



## A INÉRCIA E O VOO: A FORMAÇÃO DOCENTE NA ERA PLANETÁRIA

Lucineide Sousa Santos

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB (Brasil)

Endereço eletrônico: luzsempre@hotmail.com

Renato Pereira de Figueiredo

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB (Brasil)

Endereço eletrônico: renatofigueiredo2005@yahoo.com.br

Palmira Sousa Santos

Universidade Federal Rural De Pernambuco – UFRPE (Brasil)

Endereço eletrônico: palmiras737@gmail.com.

326

### INTRODUÇÃO

A *Era Planetária* (MORIN; CIURANA; MOTTA, 2003) retrata uma crise de sentido que se amplia em função da crescente complexidade e incerteza que dominam os horizontes da vida contemporânea, e um dos grandes desafios reside em educar nesta perspectiva. Edgar Morin, crítico ferrenho à fragmentação do saber, alerta-nos que é preciso reconhecer que estamos numa odisséia incerta em que a incerteza nos acompanha e a esperança nos impulsiona.

Ao buscarmos compreender o sentido da *Era Planetária*, far-se-á necessário mergulharmos na história da condição humana, que deu início a partir da diáspora do *Homo sapiens* em seu processo de construção da historicidade, concebida pela interconectividade entre dominados e dominantes. Assim sendo, a *Era Planetária* tem como aporte as trilhas socioculturais percorridas pelas civilizações e inebriadas por todas as barbáries, evoluções e involuções da sociedade-mundo.

O presente trabalho, trata-se de fragmentos da Dissertação intitulada: *O Entufado-baiano, a Águia e o Ensino da Ciência*, trazendo à arena das discussões os desafios da formação docente, discorrendo acerca da divisão do mundo dos saberes, da inércia ao voo, à luz de uma possível *Reforma do Pensamento* (Morin, 2010). Consoante a isso, o grande desafio é promover uma dialogicidade entre os *Saberes da Tradição* e os Conhecimentos Científicos, diminuindo o hiato entre as formas de conceber o conhecimento, propondo uma proximidade e deixando à escola o desafio de serem gaiolas ou serem asas (ALVES, 2002).

Como estratégia para a construção deste artigo, tomamos como aporte teórico Marcelo Gleiser (2016), ancorado na *Reforma do Pensamento*, proposta por Edgar

Realização:



Apoio:





Morin (2010), e como interlocutora intelectual dos saberes da tradição, Maria da Conceição de Almeida (2017). Os resultados visam apresentar a importância do avizinhamo entre saberes da tradição e conhecimentos científicos a partir das analogias e narrativas construídas.

## METODOLOGIA

Volvendo o olhar à tessitura do caminho percorrido na construção deste artigo, trilhamos por recortes da dissertação, mais precisamente pelos segundo e terceiro capítulos, respectivamente intitulados de *Ouvir a natureza. Repensar a Vida; Analogias Interpretativas e o Ensino da Ciência*.

Destarte, baseando-se na *Reforma do Pensamento* moriniana, discorreremos acerca da divisão do mundo dos saberes, bem como no impacto deste distanciamento para a infertilização da aprendizagem, retratando quem são os *intelectuais da tradição*, termo criado por Maria da Conceição de Almeida (2017). Para fermentar a pesquisa, faz-se o uso de narrativas associadas a analogias, o entufado-baiano e a águia passam a compor o cenário metafórico entre os saberes da tradição e os conhecimentos científicos.

E por fim, retratamos a ciência como parte da criação de um cenário que ressignifique o nosso papel para o fortalecimento da dialogicidade e das reflexões sobre as múltiplas aprendizagens que podem ser construídas pelo fortalecimento da relação homem-natureza. O ensino ainda se ancora permeado na racionalidade, descarta as emoções e os afetos e ignora que há outras possibilidades de aprendizagens em outras esferas do saber.

À guisa de conclusão, entende-se que ensinar perpassa por uma educação de transformação pautada no desenvolvimento integral dos sujeitos. A *Reforma do Pensamento* é uma via de possibilidades à transformação das ideias e das atitudes, possibilitando a aproximação dos saberes diversos e múltiplos para uma educação que esteja voltada aos valores éticos da humanidade.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Maria da Conceição de Almeida (2017), apaixonada por uma *ciência que sonha*, por uma *ciência aberta*, que não se divorciaria da vida, mas que estaria alicerçada pela



relição de saberes, nos apresenta os *Saberes da Tradição*, conferindo o nome *intelectual da tradição* às vozes singulares e plurais, que não se encontram impressas nos livros escolares. Vozes que ecoam da sensibilidade e da sabedoria, que tocam profundamente os sentimentos daqueles que acreditam no poder transformador das palavras sábias dos que aprenderam a enxergar o mundo por suas percepções e seus olhares.

“É preciso advogar em favor do novo” (ALMEIDA, 2017, p. 105), esta necessidade de advogarmos em favor do novo traz a inquietude e o preço a pagar pela inovação da ciência.

A águia do alto, o entufado-baiano do chão, mas o que importaria isso na luta pela sobrevivência? Cada um, à sua maneira, alimentam os seus sonhos e desejos. A águia sempre será águia, terá coração de águia, essência de águia, jamais deixará de assim ser. O entufado-baiano sempre será entufado-baiano, terá coração de entufado-baiano, essência de entufado-baiano, jamais deixará de assim ser. A águia sempre dominará os céus, o entufado-baiano sempre dominará o chão, a terra. E, assim, são os saberes científicos e saberes da tradição, nenhum nunca ocupará o lugar do outro, nenhum deve estar sobreposto ao outro, não se trata de endeusar um e diabolizar o outro, não se quer diminuir um para engradecer o outro. O conhecimento científico ocupa o seu lugar, lugar próprio, seu chamado é as alturas, experienciar, experimentar. O entufado-baiano também tem seu lugar cativo, seu chamado é o chão, experienciar, experimentar. Cada um utilizando as suas estratégias cognitivas próprias.

Os conhecimentos científicos estabeleceriam uma aliança com os saberes da tradição, abrindo-se e oportunizando espaços, no anfiteatro do conhecimento, a outras formas de saber. “Abrir a cultura científica, fazê-la dialogar com outras cosmologias do pensamento” (ALMEIDA, 2017).

E como fica, então, a ciência? O que ela pode fazer para possibilitar a missão de unir saberes da tradição e saberes científicos? Sabemos que não há prontos, mas possibilidades. A Ciência como instituição é uma expressão da cultura, como enfatiza Almeida (2017), uma construção da humanidade. À ciência do século 21 cabe a missão de religar saberes, múltiplos e dispersos, que busque retroalimentar a dialogia entre estes e rompa com a dicotomia entre os saberes científicos e os saberes da tradição. A ciência é mais uma aliada e uma resposta às demandas da técnica, da política e do poder e menos uma mentora desses domínios. Por obstinadamente perseguir um conhecimento utilitarista, orgânico e finalista por excelência, a Ciência como instituição foi se



afastando, aos poucos, de suas qualidades mais essenciais (ALMEIDA, 2017, p. 39). O mundo pode ser explicado pelos conhecimentos científicos? Sim. Mas não só. Existem outras formas de saber, a cultura tem sua historicidade edificada no domínio dos saberes científicos e nos saberes da tradição.

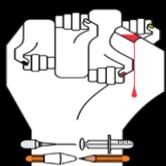
A ciência carrega em seu bojo o objetivo de dar sentido ao desconhecido, mas sabemos que a construção desse conhecimento sobre o mundo não tem fim, porque crescem igualmente a ilha do conhecimento e as praias da ignorância. Quanto mais sabemos, mais descobrimos o quanto não sabemos (GLEISER, 2016).

Um ponto crucial na obra de Gleiser (2016) é o que ele vai chamar de incognoscível, em outras palavras, o autor ressalta que alguns fenômenos naturais nunca serão explicados pela ciência, o que frustra quem acredita no poder triunfal dela, o que não significa desistir da busca, mas ter a humildade para reconhecer que nem tudo pode tudo na vida. Ainda salienta que queremos ver mais do que podemos, fato que produz o conhecimento por ser resultado da tensão criativa entre o querer e o não poder, estamos no oceano do desconhecido e nele nos perdemos após alguns poucos passos. E ainda afirma ser a ciência a que nos ensina que somos criações cósmicas raras, aglomerados de poeira vinda de restos de estrelas, moléculas animadas pela faísca da vida, capazes de se perguntar sobre suas origens. A ciência é linda, mas precisa oportunizar as várias formas de conhecer o inconhecível. “Se o conhecimento é uma luz, está cercado por trevas” (GLEISER, 2016, p. 86).

## CONCLUSÕES

À educação compete abrir as portas para um diálogo permanente entre as ilhas de resistência e os saberes científicos, é urgente superar esta fragmentação abrindo-se às lições não científicas, as quais podem ser consideradas como uma forma válida de ler mundo, permitindo e fomentando a complementaridade entre esses saberes e os conhecimentos da educação formal podem ser vistos como uma missão da escola e da universidade na sociedade contemporânea. Reconhecer os saberes da tradição é propor uma ciência aberta, que seja capaz de dialogar com outras narrativas, imperando assim uma democracia do conhecimento e das ideias imbricada numa sociedade mais humana e menos desigual, com encontros e reaproximações fecundas.

Em hipótese alguma o livro dos saberes científicos deve ser fechado, é o livro dos saberes da tradição que necessita ser aberto. A escola pode instaurar esta abertura,



propiciar o diálogo. Quantos aprendizados poderiam ser ministrados, propugnando o descortinar de uma nova forma de ensinar e de aprender. A ciência necessita estabelecer um elo com a vida, edificando construções que ficam como a sabedoria. Ao trilhar os caminhos da docência vê-se na escola o espaço para as transformações e reformas das nossas concepções enquanto profissionais do ensino, local para tecermos nossas atividades no campo da subjetividade, ambiente para darmos espaços a um ensino de Ciências que esteja conectado às relações sócio-históricas, culturais e humanas de sujeitos que necessitam de uma “escuta sensível” por parte de nós, professores.

330

**PALAVRAS-CHAVE:** Era Planetária. Reforma do Pensamento. Formação de professores. Saberes da Tradição. Conhecimento Científico.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Maria da Conceição de. *Complexidade, saberes científicos, saberes da tradição*. 2. Ed. e ampl. - São Paulo: Editora Livraria da Física, 2017.

GLEISER, Marcelo. *A simples beleza do inesperado: um filósofo natural em busca de trutas e do sentido da vida*. – 1ª ed. – Rio de Janeiro: Record, 2016.

MORIN, Edgar. *A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento*. 18ª. Ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

MORIN, Edgar. CIURANA, Emílio Roger. MOTTA, Raul Domingo. *Educar na era planetária: o pensamento complexo como método de aprendizagem no erro e na incerteza humana*. – São Paulo: Cortez. Brasília. DF – UNEB, 2003.

Realização:



Apoio:

